

O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: LEITURA E ESCRITA

*Por: Antônia Gleicivane Teles Aguiar**

Fabiana Barbosa Mesquita

RESUMO

O objetivo primordial deste artigo é discutir a gestão escolar em seu processo administrativo e os desafios que a escola enfrenta quanto às dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita. Utilizamos como referência Elisabete de Assunção José, Maria Teresa Coelho, Teresinha Nunes, Alessandra Del Ré, Jaime Luiz Zorzi, Luiz Carlos Cagliari, dentre outros. Partindo desse pressuposto tudo o que fazemos hoje é baseado numa organização, seja ela, escolar ou familiar. Enfim nos deparamos com situações que nos levaram a fazer uma análise documental, incluindo entrevistas (núcleo gestor) e observações.

PALAVRAS- CHAVES: Gestão escolar. Dificuldades de aprendizagem. Leitura e escrita.

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade moderna, uma boa educação torna-se cada vez mais importante e “obrigatória” em todas as escolas da rede pública, onde está focado o trabalho em estudo. É um instrumento de interesse social para a melhoria da qualidade de um povo em geral. Na atualidade o nível de complexidade passou a cobrar mais das pessoas o máximo de informação, em especial uma especialização adequada.

Seguindo este raciocínio, o que se percebe é que a gestão escolar é uma organização complexa, sujeita a interação de forças internas e externas de maneira comum, que repercutem diretamente o produto final da escola. Contudo, a escola deve procurar compreender o nível de aprendizagem que se encontram as turmas e trabalhar estratégias diferenciadas, além de melhorar o índice de frequência, aperfeiçoar o tempo de aula e valorizar o profissional da educação.

Como se percebe, o processo de ensino- aprendizagem é interminável, onde a escola deve definir regras, para os quais deverão convergir contribuições individuais e coletivas. Embora a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) preestabeleça ações a serem

*Acadêmicas do curso de Letras, 3º período. Disciplina Aquisição da Linguagem. Professora Cristiane Melo.

norteadas na instituição, cada unidade se caracteriza por ser um sistema complexo e humano, ou seja, com característica própria em relação com o próprio ambiente.

2. DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS ESCOLAS QUANTO ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Para falarmos dos temas em estudo, realizamos entrevistas voltadas para a gestão escolar, em administrar resultados quanto aos processos das dificuldades de aprendizagem nas escolas, sendo na escrita ou na leitura. Mas aqui, nos deteremos no papel da escola, os desafios que a escola enfrenta quanto às dificuldades de aprendizagem do aluno.

Os processos de aprendizagem vêm sendo bastante discutido nos últimos tempos, pois não só vem trabalhando vários profissionais, professores, educadores, psicólogos, mas também por ser um processo que tem exigido bastante do profissional da educação, pois a aprendizagem é uma operação na personalidade humana.

Podemos dizer que a aprendizagem tem início desde a infância, ou melhor, desde o nascimento, sendo prolongada até a morte, trazendo ao indivíduo experiências e esta é o que chamamos de aprendizagem, sendo escrita ou falada.

Este processo é iniciado na fala da criança em casa com os familiares, mas que depois vem evoluindo cada vez mais quando a criança começa a frequentar a escola, adquirindo o conhecimento para a formação cidadã. Mas é dentro desse mesmo ambiente que surgem as dificuldades de aprendizagem, pois antes de frequentar a escola, ainda não dá para medir seus déficits de aprendizagem.

O papel do professor teve de evoluir e o mesmo tem hoje de ser um gestor da sala de aula, um organizador da aprendizagem, detentor de um conjunto de competências relacionais a par das competências didáticas e das inerentes à matéria que leciona, pois o professor tradicional já não atende mais as necessidades das instituições de ensino.

Segundo o diretor da Escola Municipal Raul Monte de Ensino Fundamental I e II na cidade de Sobral, deparando-se com problemas desse tipo, a escola segue a nova diretriz da educação inclusiva, onde há dedicação exclusiva, ou seja, existe um educador cuidador, os alunos são colocados em turmas regulares. Ainda para o mesmo, a instituição de ensino obedece ao Atendimento Educacional Especializado (AEE).

O Ministério da Educação por meio da Secretaria de Educação Especial apresenta o documento *Educação Inclusiva - Atendimento Educacional Especializado para a Deficiência Mental*, com o objetivo de oportunizar aos sistemas de ensino orientações e informações para a organização do atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos com deficiência mental.

Para as autoras Cristina Abranches Mota Batista e Maria Teresa Egler Mantoan:

A escola especial foi criada para substituir a escola comum no atendimento a alunos com deficiência, assumindo o compromisso da escola comum, sem uma definição clara do seu. É importante esclarecer, que houve um tempo em que se entendia que esses alunos não eram capazes de arcar com o compromisso primordial da escola comum de serem introduzidos no mundo social, cultural e científico, a não ser em condições muito específicas e fora dessa escola. (BATISTA, 2006, p.9)

Pois são alunos que necessitam de cuidados escolares especiais, o que inclui currículos e ensinamentos adaptados com número menor de alunos por turma, professores especializados e outras condições particulares de organização pedagógica do processo educacional. Isso também foi mencionado pelo diretor da escola em questão. Pode-se perceber que esta instituição não segue à risca ao Atendimento Educacional Especializado, mesmo sendo dito pelo diretor, pois não existe a separação de escolas (escola comum e a escola especial). São colocados numa mesma escola, havendo uma redução de alunos e professores especializados, é o que a escola chama de Educador Especializado.

Nessa perspectiva, outra escola também foi entrevistada, Raimundo Pimentel Gomes- CAIC, que obtivemos como resposta a mesma, mas é claro que houve diferença, pelo fato, segundo a coordenadora que há o acompanhamento psicológico. Não dá para saber o que realmente acontece nestas instituições de ensino, mas o que se pode afirmar é

que a realidade é um pouco diferente do que diz o Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Para o AEE a escola comum tem como compromisso difundir o saber universal, já a escola especial foi criada para substituir a escola comum no atendimento a alunos com deficiência, assumindo o compromisso da escola comum, sem uma definição clara do seu. É importante esclarecer, que houve um tempo em que se entendia que esses alunos não eram capazes de arcar com o compromisso primordial da escola comum de serem introduzidos no mundo social, cultural e científico, a não ser em condições muito específicas e fora dessa escola.

E para o entrevistado da Escola Raul Monte, essa separação entre escola comum e escola especial, não pode ocorrer, pois estará acontecendo o que chamamos de exclusão social. Pois, para ele “é feita uma mistura de alunos especiais com alunos tidos como normais, pois a influência pode ajudar no desenvolvimento das atividades, ou seja, servem como “espelhos”, procurando imitar aos outros e se forem separados, colocados em sala especial acabam se isolando e não desenvolvem atividades”.

Com base nas entrevistas realizadas e em outros estudos, pode-se entender que há um grande paradoxo quanto ao problema das dificuldades de aprendizagem, pois a escola diz obedecer a um projeto desenvolvido pelo Ministério da Educação, mas que há contradições.

Veja o que diz o AEE (BATISTA, 2006, p.10) que está previsto na Constituição de 1988 o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, para o que antes era definido como Educação Especial e todas as suas formas de intervenção.

Em seu Artigo 208, a Constituição determina que esse atendimento ocorra, preferencialmente, na rede regular de ensino. É importante esclarecer que:

- a) esse atendimento refere-se ao que é necessariamente diferente da educação em escolas comuns e que é necessário para melhor atender às especificidades dos alunos com deficiência, complementando a educação escolar e devendo estar disponível em todos os níveis de ensino;
- b) é um direito de todos os alunos com deficiência que necessitem dessa complementação e precisa ser aceito por seus pais ou responsáveis e/ou pelo próprio aluno;

c) o “preferencialmente” na rede regular de ensino significa que esse atendimento deve acontecer prioritariamente nas unidades escolares, sejam elas comuns ou especiais devidamente autorizadas e regidas pela nossa lei educacional. A Constituição admite ainda que o atendimento educacional especializado pode ser oferecido fora da rede regular de ensino, já que é um complemento e não um substitutivo do ensino ministrado na escola comum para todos os alunos;

d) o atendimento educacional especializado deve ser oferecido em horários distintos das aulas das escolas comuns, com outros objetivos, metas e procedimentos educacionais.

e) as ações do atendimento educacional são definidas conforme o tipo de deficiência que se propõe a atender. Como exemplo, para os alunos com deficiência auditiva o ensino da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, de Português, como segunda língua, ou para os alunos cegos, o ensino do código “Braille”, de mobilidade e locomoção, ou o uso de recursos de informática, e outros;

f) os professores que atuam no atendimento educacional especializado, além da formação básica em Pedagogia, devem ter uma formação específica para atuar com a deficiência a que se propõe a atender. Assim como o atendimento educacional especializado, os professores não substituem as funções do professor responsável pela sala de aula das escolas comuns que têm alunos com deficiência incluídos.

Nós como seres críticos e observadores nos deparamos com as seguintes questões: será que realmente isso acontece? Não estará um pouco distante da nossa realidade? Qual é a instituição de ensino que conhecemos que dá realmente esse atendimento para alunos com deficiências ou dificuldades de aprendizagem?

É com esses e outros questionamentos que necessitamos conhecer e com isso vermos o que há por trás de um projeto versus a realidade das escolas. E nesse paradoxo vale lembrar o que diz o AEE:

A deficiência mental coloca em xeque a função primordial da escola comum que é a produção do conhecimento, pois o aluno com essa deficiência tem uma maneira própria de lidar com o saber que, invariavelmente, não corresponde ao ideal da escola. Na verdade, não corresponder ao esperado pode acontecer com todo e qualquer aluno, mas os alunos com deficiência mental denunciam a impossibilidade de atingir esse ideal, de forma tácita. Eles não permitem que a escola dissimule essa verdade. As outras deficiências não abalam tanto a escola comum, pois não tocam no cerne e no motivo da sua urgente transformação: entender a produção do conhecimento acadêmico como uma conquista individual. (BATISTA, 2006, p.13)

Ou seja, deve ocorrer a separação entre alunos especiais e como diz o diretor “os normais”, pois não conseguem acompanhar o conteúdo da mesma forma que os outros e que não há uma produção de conhecimentos, não correspondendo ao ideal da escola. Mas que trazendo para a nossa realidade não há separação de alunos, pois como o diretor havia mencionado isso não ocorre para que fique mais fácil o processo de ensino-aprendizagem, pois juntos os alunos especiais conseguem desenvolver algumas atividades.

2.1 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA

Aprender a ler não é uma tarefa fácil, exige do aluno, seja ele, normais ou com deficiência um processo de construção das habilidades que ele vai adquirindo a partir de suas experiências em contato com a família, com a escola, com a sociedade em geral e o amadurecimento de suas capacidades cognitivas, mas é necessário desenvolver atividades de leitura e escrita para se comunicar e integrar a sociedade. Para que uma criança aprenda a ler é fundamental a sua interação com fatores ambientais, pois o meio social que uma criança vive é fundamental para o seu processo de aprendizagem, antes de começar a ler a criança precisa adquirir um conhecimento prévio, especialmente, com os pais que são as primeiras pessoas que mantêm contato direto com os filhos, eles são a ponte de ligação entre as crianças e o mundo.

A criança que não tem um acompanhamento adequado dos pais, provavelmente, chega à escola com dificuldades, porém a leitura é um processo que vai se desenvolvendo de acordo com as experiências que a criança vai adquirindo ao longo de sua vida. Quando a criança chega à escola é necessário que já venha de casa falando, mesmo não estando de acordo com a gramática tradicional, mas pelo menos com uma linguagem em desenvolvimento para que ela possa identificar os sons, que o professor fala, fazer a ligação com os símbolos gráficos e associar com o que ela já conhece. Por isso é importante que o professor realize trabalhos em sala dependendo do meio em que aquela criança vive, pois ela já traz experiência de sua vida.

Os professores estão acostumados a verificar em sua classe, como seus alunos diferentes entre si, nas aptidões mentais, nas reações emotivas, nos esforços empregados em suas tarefas, na preferência por certas atividades e, especialmente, na capacidade para aprender. (CAMPOS, 2010, p. 143.)

Os professores desejam uma sala de aula homogênea para facilitar o seu trabalho, ou seja, ele quer um mesmo nível de aprendizagem para os alunos, porém eles são acostumados a conviver com diferentes tipos de aprendizagem em sala de aula, pois há crianças que vem de uma família desestruturada, certamente o lado emocional daquela criança será afetado, isso se refletirá na escola, pois o rendimento escolar daquela criança é inferior em relação aos demais colegas, outras gostam mais de uma disciplina do que de outra, é fundamental que o professor seja um bom observador para perceber os diferentes tipos de problemas. Os fatores biológicos também podem influenciar positivo ou negativamente no processo de aprendizagem de leitura, às vezes, o professor não percebe essa dificuldade, porque na sua formação acadêmica não tem informações sobre o assunto, por isso não sabem como trabalhar com essas crianças em sala de aula, além de sua sala ser numerosa não tem como atender todos os alunos e aquele com dificuldade na leitura fica de certa forma sem acompanhamento de um profissional especializado no caso que possa ajudar.

O distúrbio da leitura pode ter origem de diversas causas, dentre eles o que mais chama a atenção é a dislexia, pois a criança possui inteligência normal como as outras crianças da sua idade, perfeito estado de saúde e até um ensino adequado, é capaz de compreender uma explicação oral, porém tem dificuldade de identificar os símbolos gráficos, outros são capazes de lê, porém não compreende o que leu. Nos casos mais graves os indivíduos têm dificuldades tanto de ler como de compreender: oralidade e escrita (hiperlêxicos), porém é capaz de reconhecer as palavras. A dislexia pode ser dividida em três tipos: os dislexos disfonéticos que reconhece as palavras, mas tem dificuldades para produzir os sons; os dislêxicos disidéticos são capazes de juntar letras para formar uma palavra, porém não reconhece as palavras de um modo geral é o grupo misto que tem dificuldades nas duas habilidades. Muitas escolas ainda estão com um ensino precário, pois não conseguem identificar as dificuldades do aluno, a forma com que o professor ensina pode influenciar negativamente na aprendizagem do aluno, pois a

maioria dessas crianças são taxadas de preguiçosas, nem os alunos, nem o professor conhecem o distúrbio, por isso não pode ajudar a amenizar o problema, os professores seguem o plano de aula que a escola exige, a maioria das escolas não oferecem subsídios as crianças com dificuldades, muitas vezes, são problemas simples de resolver como distúrbio na visão e na audição. Assim para Nunes “a linguagem escrita, que causa dificuldades as crianças, envolve a tradução da língua falada em símbolos visuais”. (NUNES, 1997, p, 21).

Pois para uma criança desenvolver a leitura é necessário ouvir os sons das palavras e ver a grafia para fazer uma conexão entre ambas. Essas deficiências de audição e de visão podem impedir da criança armazenar informações. A leitura também depende de uma organização de tempo e espaço, a criança precisa se situar no tempo para fazer uma leitura, nem lenta demais nem rápida, pois o ouvinte precisa compreender a mensagem que o leitor traz. O distúrbio de leitura não abrange somente as palavras, mas também números e gráficos.

2.2 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCRITA

Nos últimos tempos, o processo de alfabetização tem preocupado bastante a gestão escolar, porque é uma questão que merece um grande respaldo por parte do alfabetizador. Pois na concepção dos lingüistas o professor para ensinar precisará ter uma boa formação, sendo que muitas vezes os alunos encontraram muitas dificuldades desde o início da alfabetização. E que isso se dá devido à falta de formação lingüística por parte do professor, ou seja, o alfabetizador ao ensinar o aluno a escrever, procura formá-lo conforme os livros de gramática, na maioria das vezes deixando ou mesmo menosprezando toda bagagem que o aluno já traz, ou melhor, seus dialetos.

Diante de situações como essas, pode-se dizer que as dificuldades de aprendizagem na escrita não é só um problema de aprendizagem, mas que o aluno precisará de bastante atenção do núcleo escolar, principalmente por parte do professor, já que está acompanhando mais de perto o desenvolvimento cognitivo do aluno. E para que isso ocorra é necessário que o alfabetizador tenha noções lingüísticas para que ensine a língua materna, reconhecendo o funcionamento das línguas naturais. Para Cagliari “Ler e escrever são atos lingüísticos e, portanto, a compreensão da natureza da escrita, de suas

funções e usos é indispensável ao processo de alfabetização”. (CAGLIARI, 1989, P.8), ou seja, o processo de alfabetização na escrita exige do educador (professor) uma boa preparação, pois a criança poderá sentir grandes dificuldades que a impedirá de escrever.

Podemos observar que da fala para a escrita há realidades bem diferentes, pois quando a criança aprende a falar a língua materna não está presa a regras ortográficas, mas já na escrita passa-se a ser visto todos os conceitos de que a criança não usava para desenvolver esses dialetos. Daí, quando passa a freqüentar a escola, surgem as dificuldades na escrita.

Ainda para Cagliari (1989) os problemas de aprendizagem que os alunos passam, a escola é a principal responsável, pois trabalha a escrita ortográfica como base para todo o processo de alfabetização, “sendo que esta aprendizagem depende da compreensão de como funciona a estrutura da língua e o seu uso no meio social” (VILAS BOAS, 1994, P.12). Mais uma vez retomamos para os conhecimentos lingüísticos, que é imprescindível para o professor na tarefa de alfabetizar.

Nos estudos Escoriza Neto (1998) diz que as dificuldades na escrita são atribuídas desde criança, mas que se não forem bem trabalhadas acarretará problemas mais sérios no decorrer da formação do aluno. Para as dificuldades de aprendizagem serem analisadas, primeiramente deve ser entendidas, recebendo do professor ajudas educativas diferenciadas, diversificadas e diagnosticadas no processo de influência educativas.

Como é do nosso conhecimento a tarefa de escrever exige da pessoa muita atenção, pois costumamos confundir os fonemas, ou seja, precisamos estar bastante atentos ao emprego das letras. Então, as dificuldades de aprendizagem na escrita podem se manifestar por confusão, inversão, substituição das letras, ordem das sílabas alteradas, lentidão na percepção visual, dentre outros. São dificuldades que podem se manifestar em áreas distintas como soletrar ou escrever uma palavra ditada.

Essas dificuldades que o aluno apresenta na escrita podem ser oriundas de vários fatores, como em reconhecer formas, letras ou sílabas etc. Outra possibilidade seria a correspondência entre o léxico auditivo e a atribuição de significado semântico, ou seja, a dificuldade entre o que se ouve e o que se escreve.

3. ANÁLISE METODOLÓGICA E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Conforme as entrevistas realizadas e alguns teóricos estudados, podemos observar que as dificuldades e ou deficiências de aprendizagem na leitura e na escrita são problemas muito sério, que já vem sendo discutido a um longo tempo, pois grandes preocupações das instituições de ensino. Podendo atrapalhar no rendimento das escolas, pois no caso das escolas, Raul Monte e CAIC, não dispõem de toda assistência como é mencionado no AEE, os alunos especiais não dispõem de um professor específico e muito menos de sala especial, ou seja, o mesmo professor serve a todos (especiais e normais), tendo apenas uma sala com um número menor de alunos.

As pesquisas utilizadas são: descritiva, de campo e a bibliográfica que se explicam pelo uso de categorias como forma de organização do conteúdo em partes. Estes tipos de pesquisas prescrevem os fenômenos tal qual sem se aprofundar em construção de novas teorias, e sem se deter a explicações exaustivas de um mesmo fato.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão escolar não se dá apenas por um núcleo gestor, mas sim por profissionais qualificados, que estejam preocupados com a realidade em que está inserido, principalmente, com os alunos que enfrentam problemas que requerem um máximo de atenção.

O aluno com deficiência de aprendizagem tem dificuldade de construir conhecimento como os demais e de demonstrar a sua capacidade cognitiva, principalmente nas escolas que mantêm um modelo conservador de atuação e uma gestão autoritária e centralizadora.

Para conseguir trabalhar dentro dessa proposta educacional, o professor precisa contar com o respaldo de uma direção escolar e de especialistas (orientadores, supervisores educacionais e outros), que adotam um modo de gestão escolar, verdadeiramente participativa e descentralizada. Muitas vezes o professor tem idéias novas para colocar em ação em sua sala de aula, mas não é bem recebido pelos colegas e pelos demais membros da escola, devido ao descompasso entre o que está propondo e o que a escola tem o hábito de fazer para o mesmo fim.

As escolas públicas ainda estão longe de chegar à inclusão de alunos com deficiência no meio social, pois o que se percebe é que as escolas ainda não estão preparadas o suficiente para receber e trabalhar com alunos em déficits de aprendizagem, pois todas as crianças mesmo não sendo especiais têm dificuldades em desenvolver a leitura e a escrita, pois a escola é um mundo novo para eles. Porém elas aprendem, mas é claro que merecem um tratamento mais diferenciado.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Cristina Abranches Mota. **Educação inclusiva : atendimento educacional especializado para a deficiência mental**. 2. ed. / Cristina Abranches Mota Batista, Maria Teresa Egler Mantoan. –Brasília : MEC, SEESP, 2006.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & lingüística**. São Paulo: Scipicione, 1997.

CAMPOS, Dinah Martins de Sousa. **Psicologia da aprendizagem**. 38, ed. Petrópolis, vozes, 2010.

COELHO, Tereza Maria. **Problemas de aprendizagem**. 5. Ed. ática, 1993 ESCORIZA NIETO, J. Dificultades en el proceso de composición del discurso escrito. In SANTIUSTE BERMEJO, V., BELTRÁN LLERA, J.A. *Dificultades de aprendizaje*. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.

JOSÉ, Elizabete de Assunção. **Problemas de aprendizagem**. 5. Ed. ática, 1993.

NUNES, Terezinha. **Dificuldade na aprendizagem da leitura: teoria e prática** / Terezinha Nunes, Lair Buarque, Peter Bryant. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

VILAS BOAS, H. **Alfabetização: outras questões, outras histórias**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprendizagem e distúrbio da linguagem escrita**. Porto Alegre, Artmed, 1993.